

O mundo paralelo desaba. E agora?

Natanael Charles da Silva

02

5:00 a.m.: levanto sem despertador, calço o chinelo, me dirijo até o batente na porta da cozinha, escovo os dentes, faço “xixi” no quintal enquanto observo as galinhas descendo do poleiro, entro na casa, boto uma roupa velha e meio suja, pego o balde, vou até o curral onde ordenho as vacas.

15:30 p.m.: tomo banho, coloco uma roupa, pego a moto e vou para a cidade. Chegando lá, espero o ônibus por 20 minutos, entro, sento na segunda poltrona do lado direito com vista para a estrada. Percorridos 150 km, chego na faculdade, vou até a sala, sento na quinta carteira do lado esquerdo da sala, quarta fileira.

Revezando-me entre ajudar os pais nas tarefas do sítio, estudar e assistir televisão, essa rotina se repetiu por quase quatro anos. Poucos amigos, interação suficiente com a família, conversas com animais, cuidados com a irmã mais nova e pouca interação com primos. Não tinha vizinhos.

Em um dia que deveria ser de aula comum como qualquer outro, a professora de orientação de Estágio Supervisionado estabelece datas para que todos os estagiários comecem a ir para as escolas, onde deverão realizar suas observações seguindo orientações estabelecidas pela mesma.

E agora? Como fazer isso? Como falar com o diretor? O que fazer? E se alguém me perguntar algo? E se eu tiver que fazer algo com os alunos? A professora não vai me deixar sozinho com eles, pelo menos eu espero que não.

O ambiente pareceu nostálgico, a escola era bem semelhante a que estudei por todo o Ensino Fundamental e Médio. Paredes com cartazes, corredores longos e estreitos, portas com avisos pregados com fita, banheiros com riscos nas paredes e aquela sirene típica que toca, indicando a saída pro intervalo.

Começa o que poderia ser um grande desastre. Ao tocar da sirene, todos eles saem das salas, os corredores desertos de repente ficam cheios, o barulho toma conta do espaço. Meus sentidos falham por alguns segundos, a única coisa que vejo é um banco no meio do pátio. Me dirijo até ele, sento e espero que tudo volte ao “normal”.

Como vou conseguir interagir e direcionar atenção pra tantas pessoas ao mesmo tempo? Esta pergunta talvez não seja recorrente no dia-a-dia de uma pessoa que não apresente características de transtorno do espectro do autismo de nível de suporte 1. Ou será que todos, sem exceção, passam por isso? Eu não sei responder.

Tudo é mais intenso. A mudança dá medo. O medo faz com que o plano traçado na minha cabeça para este momento se desmorone. As palavras falham, não saem. Na minha mente elas estão lá, organizadas, seguras, ordenadas, de acordo com as normas culta da língua. Mas na hora, nada acontece. Esse foi o primeiro contato com a professora de ciências que seria a supervisora do estágio. Nenhuma palavra, nada, apenas um estirar de mão para entregar a carta de recomendação.

- Entre, seja bem-vindo!
- Entre e sente em uma das carteiras vazias lá no fundo.
- Fique à vontade.

Salvo, por enquanto. Essa foi minha sensação naquele momento. Ela não pediu nada, não me perguntou nada e, assim, eu também não tive que dizer nada, fazer nada, falar nada. Não que eu não quisesse, estava tudo programado, tudo ordenado, tudo organizado. Mas, e se na hora não saísse? Melhor não arriscar, pelo menos não por enquanto.

O telefone toca. Algo de errado com a família dela.

– Com licença turma, vou precisar sair rapidinho para resolver um problema com minha mãe. O estagiário vai finalizar a aula com vocês. Meu bem, tome conta da sala por favor. Termine a correção e faça um novo exercício com eles. Preciso ir agora, obrigada!

Como assim? “Meu bem”? Eu não sou seu bem, você não é meu bem. Que bem? Você vai pra onde? Que horas volta? Como eu vou fazer isso? Não estava no roteiro, não foi planejado, não combinamos isso? E agora?

42 pessoas olhando pra mim, esperando algo de mim, esperando que eu fale algo, que eu faça algo. E de repente... eu faço. Saio correndo até o banheiro mais próximo. No fim do corredor, parecia que ia chegar em outro estado, país, e não chegava na porta.

Na porta. Bem na porta, caiu a ficha de que aquela era a realidade que eu teria que enfrentar. Eu escolhi estar ali. Eu fui até ali. Por que eu estava fugindo? De quem eu estava fugindo? Por quê? Pra quê?

No retorno para a sala, o barulho estava em toda parte. Alguns andando entre as carteiras, outros sentados no chão, outros com carteiras próximas umas das outras. A saída foi fingir que aquilo não estava acontecendo. Que o barulho não existia, que a desordem não estava estabelecida. Virei para a lousa, peguei vários pinceis de cores diferentes e comecei a desenhar.

A lousa ficou cheia, uma célula animal e outra vegetal, lado a lado. Com suas estruturas, destaques, cores diferentes, formas, detalhes. Nenhum nome, só formas, só cores, só traços.

No fundo da sala, uma voz fala:

– “Caraca”, o professor se garante no desenho, o que é isso?

E a voz começa a sair.

– Cada um de vocês vai ser uma parte deste desenho, cada parte tem uma função. Qual vocês querem ser?

A ordem começa a se reestabelecer, as carteiras voltam ao lugar, as pessoas saem do chão e os olhos começam a se voltar em minha direção. Isso foi assustador, mas era o que eu queria naquele momento.

Todos tinham uma função, todos estavam organizados, os nomes começaram a surgir, o desenho que antes era traços e formas, agora é traços, formas, nomes, funções e organização. Assim é uma célula, assim ela funciona, assim foi minha primeira aula, assim foi a minha passagem de observador a observado. A voz saiu, as palavras saíram, talvez não na ordem, na organização que eu queria, que estava na minha mente. Mas saíram e foram ouvidas. Outros desafios virão, e agora?